

Aproximações ao sagrado feminino a partir de religiões afrodiaspóricas

Thalita Cavalcante Marques¹

DOI: <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v8i2.56979>

O sagrado feminino, em termos amplos, refere-se ao movimento de despertar e valorizar a energia feminina ao interior de cada um dos nossos corpos, vinculada com a cura, o autoconhecimento, a coragem, a determinação, a astúcia, a criatividade e o empoderamento (Faur, 2011; Machado, 2020). Dentro das diversas cosmovisões afro-religiosas, esta conexão harmônica entre os indivíduos e às forças femininas, ligadas também com a natureza e o cosmos, podem ser impulsionadas por meio de cultos e iniciações de diversas formas.

Como movimento político, o sagrado feminino ganhou destaque com a ascensão do feminismo, buscando romper com os valores patriarcais. Nos tempos modernos, o feminismo negro também ganhou notoriedade, tornando-se um espaço de empoderamento e disrupção. A articulação entre ambos os movimentos – sagrado feminino e feminismo negro –, por exemplo, é fundamental enquanto maneira de desafiar o moralismo tradicional com ênfase em questões raciais, centrais para todo o processo de emancipação da mulher negra em relação as estruturas sociais vigentes, fundamentadas no machismo e no racismo.

Dentro das diversas religiões afro-diaspóricas, as questões relacionadas ao sagrado feminino manifestam-se de diferentes formas, desde a atuação de mulheres em importantes papéis de liderança até os cultos às grandes forças femininas, de acordo com a cosmovisão específica de cada tradição. Nesse sentido, o presente texto tem como objetivo refletir sobre a manifestação de alguns princípios do sagrado feminino, a partir da minha experiência no culto a divindade Orí e à Orixá Iemanjá, no contexto do candomblé Ketu. Com essa nação eu pude me aprofundar de forma mais específica em campo.

As ponderações que aqui abordarei fundamentam-se em conexões oriundas de bases empíricas, e a vivências em campo em um terreiro de Candomblé Ketu,

¹ Universidade de Brasília - UnB. E-mail: Thalitacavalcantemarques2020@gmail.com.

complementadas com a revisão bibliográfica de pesquisas que exploram os significados relacionados às questões abordadas. Dessa forma, o texto busca contribuir para uma visão integradora que entrelaça saberes ancestrais, indispensáveis para alguns desafios da contemporaneidade.

Em solo brasileiro, os cultos aos orixás foram readaptados como consequência da diáspora, quando as pessoas negras, em um novo contexto, foram obrigadas a adequar o uso das folhas — instrumento também central no Candomblé —, por exemplo, como forma de resistir à violência estruturada, que se configurava como um instrumento de poder e negação da fé de cada povo e indivíduo. Assim, construiu-se a assimilação do sincretismo religioso, presente em muitas religiões afro-diaspóricas na contemporaneidade.

Dentro desses cultos religiosos afro-diaspóricos, o feminino desempenha um papel central. Desde as mais antigas casas de Candomblé da Bahia, como o Ilê Axé Opô Afonjá, Terreiro do Gantois e Terreiro Casa Branca a resistência e o papel das grandes sacerdotisas, mães e iyalorixás sempre foram fundamentais para garantir a continuidade do culto e o fortalecimento da comunidade.

Na cosmovisão do Candomblé Ketu, proveniente da diáspora dos povos Iorubás para o Brasil durante o período de escravização de pessoas negras, as grandes Iyabás e a força do feminino são centrais para estabelecer a conexão entre os seres humanos e os espíritos, bem como com as forças ancestrais. O matriarcado dentro desses cultos é uma marca histórica e contínua, sendo o sustentáculo dos próprios ritos e mistérios, que dependem dessa energia específica para se manterem e garantir continuidade.

Dentro disso, a sacralização das forças espirituais ocorre a partir da manutenção das forças naturais, reconhecendo na natureza o poder construtor e destruidor em todos os aspectos da funcionalidade do cosmos. Essa visão se configura como construção de uma tecnologia ancestral, que confere relevância ao feminino, reconhecido como "o que dá vida" e "nutre todos os seres". Este poder, essencialmente entendido no sentido espiritual e não no sentido biológico, é representado pelas mulheres iniciadas nos cultos, e principalmente, pelas lideranças ativas nos mesmos.

Dentre as grandes Iyabás, Iemanjá (ou Yemojá, em iorubá) tem seu culto bastante reverenciado, por ser considerada a "mãe" de todos os orixás e, conseqüentemente, de todos os Orís individualizados no ser humano.

Seu nome vem da expressão 'a mãe dos peixes' ou 'a mãe cujos filhos são como peixes'. É considerada a mãe de todos, a que nos prepara para a vida, nos dá a imensidão das águas para que possamos realizar todas as potencialidades, afirma Eugênio. Na língua original, seu nome é Yemoja. (Veiga, 2024)

Assim sendo, o seu culto é sempre invocado como nos rituais de Bori no candomblé e em partes dos rituais de iniciação de algumas outras religiões, a fim de buscar equilibrar principalmente a divindade Orí.

Os mais antigos souberam que Ajalá é o Orixá funfun responsável pela criação de Orí. Desta forma, ensinaram-nos que Oxalá deve ser sempre evocado na cerimônia de Bori. Iemanjá é a mãe da individualidade, e por essa razão está directamente relacionada com rí, sendo imprescindível a sua participação no ritual. (Manuela, 2008)

No Brasil, a orixá Iemanjá tem notoriedade. Na sua celebração no dia 2 de fevereiro, seus devotos vão ao mar em multidão para entregar oferendas como símbolos de pedidos e agradecimentos. Esse ritual tem origem em Salvador, onde pescadores começaram a ir ao bairro do Rio Vermelho para entregar suas oferendas.

Todo dia 2 de fevereiro, em Salvador, uma multidão vestida predominantemente de branco e azul comparece ao bairro do Rio Vermelho para reverenciar Iemanjá, a Rainha do Mar e Mãe de Todas as Águas. Considerada umas das três grandes manifestações populares da cidade, dividindo o pódio com o Carnaval e a Lavagem do Bonfim, a festa é a maior dedicada a um orixá na Bahia e passou por diversas mudanças até os dias atuais. Contudo, o elo de espiritualidade e cultura mantém a tradição centenária viva, resguardando a ancestralidade de matriz africana. (SECOM/SALVADOR, 2022)

Em solo iorubá, diferentemente, o culto a Iemanjá se concretiza no rio. Essa orixá também possui diversos outros aspectos, não se restringindo apenas ao cuidado e à maternidade, mas também à guerra e à proteção, sendo muito invocada em tempos de disputas e rivalidades entre comunidades.

Iemanjá é um orixá, ou seja, uma divindade africana cultuada a partir do panteão divino dos povos iorubás. Embora, no Brasil, assuma títulos e características de 'rainha do mar', na África, é cultuada na região de Abeokutá, na Nigéria, onde seus cultos se estabeleceram inicialmente nas águas doces do rio Yemoja, entre Ifé e Ibadan", contextualiza o sacerdote de umbanda David Dias, pesquisador em Ciência da Religião

na PUC-SP. Ou seja: para os iorubás, ela é a divindade dos rios. Essa transposição para os mares é resultado do movimento de diáspora quando, já nos chamados navios negreiros, a ela continuaram recorrendo os "seus filhos. (Veiga, 2024)

Iemanjá ocupa um papel essencial no diálogo sobre essa tecnologia ancestral, que em simbologia conecta-se diretamente às questões que envolvem a necessidade de cuidado com a saúde mental nos tempos hodiernos, reafirmando a importância de práticas que promovem equilíbrio e bem-estar. Essa relação entre o cuidado à divindade Orí e a presença de Iemanjá, é uma afirmação da importância do culto à energia feminina e os seus resultados na saúde individual e comunitária dos devotos do candomblé.

Dentro dos diversos ritos do candomblé, o Bori, que em termos amplos significa "alimentar a cabeça", desempenha um papel central. Esse ritual é fundamental tanto dentro da comunidade, como um elemento de fortalecimento e manutenção dos indivíduos, quanto fora dela, por meio dos serviços prestados por babalorixás e iyalorixás aos seus consulentes. O Orí, considerado a maior e mais importante divindade, é reverenciado também por sua conexão simbólica com o que, na modernidade, se entende como o cuidado com a saúde mental. Essa prática destaca a profunda relação entre espiritualidade e equilíbrio emocional, reafirmando a sabedoria ancestral do candomblé em contextos contemporâneos (Lages, 2023).

Para os iorubás (e para as outras nações de candomblé), o ritual do bori é o ato litúrgico que significa “dar de comer e beber ao Orí”, adorar a cabeça. Esse cerimonial é realizado antes mesmo da feitura do santo. Mas o bori não é só para o iniciado, qualquer pessoa pode ter seu Orí cultuado, o que ocorre quando ela se sente fragilizada, e lhe dar alimento. E há casos em que ele ocorra de duas a três vezes por ano, como acontece com os babalorixás e iyalorixás, que sobrecarregam seu Orí devido a suas preocupações espirituais e materiais, tanto na vida religiosa como particular. O ritual consiste em rezas específicas, oferta de alimentos e bebidas. Após o bori o corpo se revitaliza, e o equilíbrio é recuperado, e no caso das pessoas depressivas, com questões emocionais, o bori acalma e ajuda as pessoas na busca da solução para o sofrimento. (KILEUY; OXAGUIÃ, 2018)

Nesse contexto, a união entre o culto à força que rege e sustenta a vida — representado pela orixá Iemanjá — e os ritos que promovem qualidade de vida ao iniciado e/ou consulentes, como o Bori, destaca-se como uma marca essencial das práticas fazer candomblé. Essas tradições preconizam a sabedoria e as iniciativas milenares dos povos africanos, direcionadas para o bem-estar, a saúde e o cuidado coletivo. O sagrado

feminino como já reiterado, assume o papel central de fazer as manutenções necessárias nesses processos, apontando a necessidade do autocuidado e da autopreservação.

Ao jogar búzios pela primeira vez, Iemanjá foi confirmada como a Orixá regente do meu Orí. Após muitas orientações dentro do jogo oracular, também foi apontado a necessidade emergente de um maior cuidado com a minha cabeça (Orí) e, conseqüentemente, com a minha saúde mental. Após muitas reflexões posteriores a essa primeira vivência, e à aproximação e culto a minha Orixá de cabeça, também despertei a importância da integração e do culto à energia feminina no que tange o próprio sustento e alicerce do autocuidado e da autopreservação. Minha individualidade, vivenciada como uma mulher transgênero, ou seja, parte de uma minoria na sociedade vigente, foi melhor reconhecida, valorizada e acolhida por mim enquanto cultuadora de forças divinas femininas e enquanto cuidada por uma comunidade que reitera essa importância.

No candomblé, eu aprendi que o feminino é um agente de cura, e que a cura gera emancipação e autoconsciência em meio aos processos da vida. Fui ensinada que, quando se cultua o sagrado feminino, não é a tristeza que desaparece, nem o sofrimento que cessa, mas sim a capacidade de ser resiliente e atender as próprias vulnerabilidades enquanto realidades humanas, que tudo se torna mais possível. Com o Bori, eu aprendi que o corpo, enquanto morada de uma divindade – principalmente feminina – precisa ser nutrido, reconhecido e, sobretudo, empoderado de si para que tenha o seu pleno funcionamento, ou seja, saúde e qualidade de vida. Com a comida de santo, eu aprendi que o feminino é justo, e que para além de ser cuidada, eu tenho a responsabilidade de cuidar, com todos os limites estabelecidos.

Assim, como visto e exposto, as liturgias e os ritos que constituem especificamente a noção do sagrado feminino no candomblé, bem como os alicerces que os sustentam — incluindo o culto aos orixás e os saberes ancestrais já referenciados —, revelam-se como arcabouços que demonstram não apenas a profundidade e a riqueza dessas práticas, mas também sua contribuição essencial para a valorização e o entendimento do sagrado feminino.

Para além de um debate sobre uma energia que muitas vezes é mal interpretada e conectada apenas à oposição ao masculino. O sagrado feminino redesperta o que muitas vezes nós, como indivíduos e comunidades, somos impedidos de viver por uma sociedade cada vez mais adoecedora e negligente com todo e qualquer indivíduo que não representa o padrão imposto.

Essas tradições evidenciam que muitos dos avanços modernos voltados para o cuidado de diversos aspectos do ser humano, especialmente no que diz respeito à saúde mental, já foram explorados e aplicados por povos milenares. Isso reafirma tanto a relevância e a atualidade desses saberes ancestrais quanto à necessidade de validação de conhecimentos que não se baseiam exclusivamente em estruturas teóricas ocidentais, mas também em práticas e experiências ancestrais.

Referências

FAUR, Mirella. *Círculos sagrados para mulheres contemporâneas*. São Paulo: Pensamento, 2011.

LAGES, S. R. C. “O Orí, a saúde e as doenças dos(as) filhos(as) de santo”. *Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 20, n. 62, p. e206207, 10 ago. 2023.

MACHADO, Regiane. “O Sagrado Feminino: Poder que vem de dentro – despertar, cura e empoderamento de mulheres”. In: *Colóquio Internacional Feminismo e Agroecologia: Trabalho, cuidado e bens comuns*, 2020, Recife. Anais Eletrônicos [...]. Recife, v.15, n.3, 2020. Recife: [s. n.], 2022. Disponível em: <https://cadernos.abaagroecologia.org.br/cadernos/article/view/6381/2426>.

MANUELA. Bori. “Candomblé, o mundo dos Orixás, 26 de maio de 2008”. 26 mai. 2008. Disponível em: <https://ocandomble.com/2008/05/26/bori/>.

SECOM/AS - SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO DA PREFEITURA DE SALVADOR. Festa de Iemanjá é a maior manifestação dedicada a um orixá na Bahia e teve origem no protagonismo de pescadores. 2022. Disponível em: <https://comunicacao.salvador.ba.gov.br/festadeiemanja-e-a-maior-manifestacao-dedicada-a-um-orixa-na-bahia-e-teve-origemnoprotagonismo-de-pescadoresesso>.

VEIGA, Edison. Iemanjá, a divindade africana que ganhou feição branca no Brasil. *BBC News Brasil*. 02 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c51eq354xd1o>.

Recebido em: 15/11/2024

Aceito em: 01/12/2024